

DO OUTRO LADO

O poeta, desempregado, foi embriagar a solidão no lugar comum. Estava vazio. Cheio de vazios. Acomodou sua companheira de frente, mas sentou-se, desanimado, atrás do poema. Depois de muito álcool, passa a ver, do outro lado, o que nunca viu: a medida de um gigante em miniatura, as costuras dos rostos em clausura, o medo escandido em ódio, as palavras em descompostura.

O poema pirou, suspira o poeta. Tira sua companheira para dançar, mas a dançarina está sem rimas e com o pé quebrado. Volta à mesa e vê o inusitado: mortos passeiam nas ruas. Nas casas, os vivos se trançam. Os mortos enterram os vivos em suas tumbas, enquanto os vivos enterram seus mortos em covas rasas.

Decide levar a companheira para passear. Na rua deserta, sua sombra para na esquina. Mira nesse espectro sua expectativa. Beija a companheira como se fosse a última.

No outro lado da rua, da vida, vê-se numa vala comum. Mumificado, a solidão preenche seu corpo vazio. E jaz soterrado neste canteiro de poesia.

SÉRGIO VICENTE MOTTA Professor aposentado de Literatura Brasileira da UNESP. Membro da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC)

DEPOIS DE VOCÊ

Desenlaçando fios, um liame se esgarça...
Um filamento tênue, solitário,
precisa a distância abissal.
Dois corpos não-ocupam-mais-o-mesmo-lugar-no-espaço.

Um rosto se borra, torna-se estranho;
o outro, fracassado de seu colorido, desbota-se.

O peso opulento do fardo perde a gravidade.
O coração se amaina:
uma leveza insustentável dança a rodopios, desvairada, no ar...

Novos matizes tingem o dia:
contornos menos sombrios,
silhuetas rarefeitas, quase não.

Qualquer flagelo a ser domado
dispensa farto empenho:
apenas um gesto,
um meneio,
um sinal.
A vida se reafirma, serena, sobre um outro sentido,
equilibrando-se, absoluta, sobre um fio mais teso.
Um novo liame volta a se suturar
depois de você.

FERNANDO LUÍS DE MORAIS Poeta, tradutor, professor e doutorando em Teoria e Estudos Literários (UNESP/IBILCE)